

MOVIMENTO CLIMÁTICO EM PORTUGAL: UM RETRATO EM VÁRIAS DIMENSÕES

Anabela Carvalho,¹ Maria Fernandes-Jesus,² Carla Malafaia,³ Mehmet Ali Üzelgün⁴

1: Universidade do Minho
e-mail: carvalho@ics.uminho.pt

2: ISCTE-IUL/York St. John's University

3: Universidade do Porto

4: Universidade Nova de Lisboa

Palavras chave: movimento climático; Portugal; ativismo; formas de ação

Resumo

O envolvimento e a participação dos jovens na reivindicação de formas mais eficazes de combate às alterações climáticas começaram muito antes do movimento iniciado por Greta Thunberg em 2018. No entanto, esse é um marco decisivo em termos de dimensão e escala internacional. As greves estudantis pelo clima e as grandes manifestações associadas a esse movimento deram um novo ímpeto à questão da justiça intergeracional associada às alterações climáticas. Em 2019, emergiram iniciativas jovens por todo o mundo no âmbito do Fridays for Future/Student Climate Strike e Portugal não foi exceção. Ao mesmo tempo, o também recém-criado movimento Extinction Rebellion disseminou-se, igualmente, de forma alargada. Estes grupos, com distintos perfis, orientações e reportórios de ação, trouxeram não apenas uma nova força mas também novos posicionamentos e discursos para o ativismo climático (Bowman, 2019; Buzogány & Scherhauser, 2022; Marquardt, 2020).

JUSTFUTURES – “Futuros Climáticos e Transformações Justas: Narrativas e Imaginários Políticos dos Jovens” é um projeto de investigação em curso que pretende analisar os discursos e visões dos jovens relativamente ao futuro das alterações climáticas. Uma das primeiras tarefas do projeto consistiu num mapeamento detalhado do movimento climático em Portugal, realizado entre outubro de 2021 e abril de 2022 com recurso a múltiplas estratégias de recolha de informação. Seguindo uma lógica de “bola-de-neve”, começou-se por identificar os grupos que subscreveram manifestações pelo clima nos últimos anos a partir de websites como <https://salvaroclima.pt>. De seguida, a análise das interações entre grupos via redes sociais permitiu identificar outros grupos. Com base nestes procedimentos, foram identificados três tipos de grupos, nomeadamente, os grupos cujo foco de ação são as alterações climáticas, num total de 68; aqueles para os quais as alterações climáticas são uma, entre várias, áreas de ação, correspondendo a 105; e os grupos que apoiaram alguma ação de ativismo climático, totalizando 102. O estudo permitiu perceber que existe um número expressivo de grupos focados exclusivamente nas alterações climáticas, a maior parte dos quais integrados e liderados por jovens, bem como uma grande diversidade de grupos que, operando em domínios que vão do género aos direitos humanos, se aliam a esta questão que é, crescentemente, vista numa ótica interseccional e de justiça social.

Após o mapeamento do movimento climático em Portugal, foi realizada uma caracterização, com base em diferentes dimensões, nomeadamente a localização de cada grupo; a natureza do grupo; e as formas de ação. Detalham-se abaixo os principais traços dessa caracterização.

Como seria expectável, a maior concentração de grupos ativistas dos dois primeiros tipos

referidos acima ocorreu em Lisboa e no Porto. Seguiram-se Braga, Coimbra, Faro e Setúbal, com valores idênticos. Apesar de terem uma expressão menor noutras regiões do país, foram encontrados grupos com foco principal nas alterações climáticas em todos os distritos.

A natureza dos grupos que desenvolvem ativismo climático em Portugal é distinta. A grande maioria são Coletivos, ou seja trata-se de grupos que não estão constituídos, formalmente, enquanto organizações com personalidade jurídica. De seguida, surgem os grupos com estatuto de Organização Não-Governamental, destacando-se neste tipo aqueles que têm as alterações climáticas como uma das áreas de ação. Há ainda vários grupos de Intervenção Online e, em menor número, Cooperativas e Eco-vilas.

No que diz respeito às formas de ação, os grupos que têm as alterações climáticas como foco de ação principal recorrem sobretudo a Protestos e Manifestações – 35 grupos (de um total de 68). No caso dos grupos que têm as alterações climáticas como uma das suas áreas de ação, as formas de ação mais frequentes foram as seguintes: Ativismo digital (80, de um total de 105 grupos), Ações de Sensibilização e Formação (79/105); Protestos e Manifestações (36/105).

Todos os elementos aqui indicados podem ser consultados em mais detalhe em Carvalho et. al. (2022) e no site do projeto (<https://justfutures.pt>).

Em conclusão, podemos dizer que os dados recolhidos e analisados no âmbito do projeto JUSTFUTURES oferecem um retrato multifacetado do movimento climático em Portugal, que permitiu compreender melhor a sua vitalidade e diversidade. De notar que este é um retrato “tirado” num momento temporal específico e que o movimento climático é muito dinâmico, pelo que terão certamente ocorrido (e continuarão a verificar-se) alterações nos dados aqui apresentados.

Referências bibliográficas

- Bowman, B. (2019). Imagining future worlds alongside young climate activists: a new framework for research. *Fennia-International Journal of Geography*, 197(2), 295-305.
- Buzogány, A., & Scherhauser, P. (2022). Framing different energy futures? Comparing Fridays for future and extinction rebellion in Germany. *Futures*, 137, 102904.
- Carvalho, A., Fernandes-Jesus, M., Malafaia, C. & Uzelgün, M. (2022) *Movimento climático em Portugal: Relatório do projeto JUSTFUTURES*, disponível em <https://justfutures.pt/2022/09/16/relatorio-movimento-climatico-em-portugal/>
- Marquardt, J. (2020). Fridays for future's disruptive potential: an inconvenient youth between moderate and radical ideas. *Frontiers in Communication*, 5, 48.